



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Martins Pena

Quem casa quer casa



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Quem casa quer casa

Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Peça escrita no ano de 1845.

Livro Digital nº 856 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena

(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

QUEM CASA, QUER CASA

PROVÉRBIO EM UM ATO



PERSONAGENS:

NICOLAU (marido de Fabiana)

FABIANA (mãe de Olaia e Sabino)

OLAIA

SABINO

ANSELMO (pai de Eduardo e Paulina)

EDUARDO

PAULINA

Dois meninos e um homem.

A cena passa-se no Rio do Janeiro, no ano de 1845.

ATO ÚNICO

Sala com uma porta no fundo, duas à direita e duas à esquerda; uma mesa com o que é necessário para escrever-se, cadeiras, etc.

CENA I

Paulina e Fabiana. Paulina junto à porta da esquerda e Fabiana no meio da sala mostram-se enfurecidas.

PAULINA (*batendo o pé*)

Hei de mandar!...

FABIANA (*no mesmo*)

Não há de mandar!

PAULINA (*no mesmo*)

Hei de e hei de mandar!...

FABIANA

Não há de e não há de mandar!...

PAULINA

Eu lhe mostrarei. (*Sai*)

FABIANA

Ai, que estalo! Isto assim não vai longe... Duas senhoras a mandarem em uma casa... é o inferno! Duas senhoras? A senhora aqui sou eu; esta casa é de meu marido, e ela deve obedecer-me, porque é minha nora. Quer também dar ordens; isso veremos...

PAULINA (*aparecendo à porta*)

Hei de mandar e hei de mandar, tenho dito! (*Sai*)

FABIANA (*arrepelando-se de raiva*)

Hum! Ora, eis aí está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para a minha casa. É isto constantemente. Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa... Já não posso, não posso, não posso! (*Batendo com o pé*) Um dia arrebento, e então veremos! (*Tocam dentro rabeca*) Ai, que lá está o outro com a maldita rabeca... É o que se vê: casa-se meu filho e traz a mulher para minha casa... É uma desavergonhada, que se não pode aturar. Casa-se minha filha, e vem seu marido da mesma sorte morar comigo... É um preguiçoso, um indolente, que para nada serve. Depois que ouviu no teatro tocar rabeca, deu-lhe a mania para aí, e leva todo o santo dia – vum, vum, vim, vim! Já tenho a alma esfalfada. (*Gritando para a direita*) Ó homem, não deixarás essa maldita sanfona? Nada! (*Chamando*) Olaia! (*Gritando*) Olaia!

CENA II

Olaia e Fabiana.

OLAIA (*entrando pela direita*)

Minha mãe?

FABIANA

Não dirás a teu marido que deixe de atormentar-me os ouvidos com essa infernal rabecada?

OLAIA

Deixar ele a rabeca? A mamãe bem sabe que é impossível!

FABIANA

Impossível? Muito bem!..

OLAIA

Apenas levantou-se hoje da cama, enfiou as calças e pegou na rabeca – nem penteou os cabelos. Pôs uma folha de música diante de si, a que ele chama seu Trêmolo de Bériot, e agora verás – zás, zás! (*Fazendo o movimento com os braços*) Com os olhos esbugalhados sobre a música, os cabelos arrepiados, o suor a correr em bagas pela testa e o braço num vaivém que causa vertigens!

FABIANA

Que casa de Orates é esta minha, que casa de Gonçalo!

OLAIA

Ainda não almoçou, e creio que também não jantará. Não ouve como toca?

FABIANA

Olaia, minha filha, tua mãe não resiste muito tempo a este modo de viver...

OLAIA

Se estivesse em minhas mãos remediá-lo...

FABIANA

Que podes tu? Teu irmão casou-se, e como não teve posses para botar uma casa, trouxe a mulher para a minha. (*Apontando*) Ali está ela para meu tormento. O irmão dessa desavergonhada vinha visitá-la frequentemente; tu o viste, namoricaste-o, e por fim de contas

casaste-te com ele... E caiu tudo em minhas costas! Irra, que arreo com a carga! Faço como os camelos...

OLAIA

Minha mãe!

FABIANA

Ela, (*apontando*) uma atrevida que quer mandar tanto ou mais do que eu; ele, (*apontando*) um mandrião romano, que só cuida em tocar rabeça, e nada de ganhar a vida; tu, uma pateta, incapaz de dares um conselho à boa jóia de teu marido.

OLAIA

Ele gritaria comigo...

FABIANA

Pois grita tu mais do que ele, que é o meio das mulheres se fazerem ouvir. Qual histórias! É que tu és uma maricas. Teu irmão, casado com aquele demônio, não tem forças para resistir à sua língua e gênio; meu marido, que como dono da casa podia pôr cobro nestas coisas, não cuida senão na carolice: sermões, terços, procissões, festas, e o mais disse, e sua casa que ande ao Deus dará... E eu que pague as favas! Nada, nada, isto assim não vai bem; há de ter um termo... Ah!

CENA III

Eduardo e as ditas. Eduardo, na direita baixa, entra em mangas de camisa, cabelos grandes muito embaraçados, chinelas, trazendo a rabeça.

EDUARDO (*da porta*)

Olaia, vem voltar a música.

FABIANA

Psiu, psiu, venha cá!

EDUARDO

Estou muito ocupado. Vem voltar a música.

FABIANA (*chegando-se para ele e tomando-o pela mão*)
Fale primeiro comigo. Tenho muito que lhe dizer.

EDUARDO

Pois depressa, que me não quero esquecer da passagem que tanto me custou a estudar. Que música, que trêmolo! Grande Bériot!

FABIANA

Deixemo-nos agora de Berliós e tremidos, e ouça-me.

EDUARDO

Espere, espere; quero que aplauda e goze um momento do que é bom e sublime; assentem-se.

(*Obriga-as a sentarem-se e toca rabeca, tirando sons extravagantes, imitando o Trêmolo*)

FABIANA (*levantando-se enquanto ele toca*)

E então? Pior, pior! Não deixará esta infernal rabeca? Deixe, homem!
Ai, ai!

OLAIA (*ao mesmo tempo*)

Eduardo, Eduardo, deixa-te agora disso. Não vês que a mamãe se aflige? Larga o arco. (*Pega na mão do arco e forceja para o tirar*)

FABIANA

Larga a rabeca! Larga a rabeca! (*Pegando na rabeca e forcejando*)

EDUARDO (*resistindo e tocando entusiasmado*)

Deixem-me, deixem-me acabar, mulheres, que a inspiração me arrebatou... Ah... ah...

(*Dá com o braço do arco nos peito de Olaia e com o da rabeca nos queixos de Fabiana, isto tocando com furor*)

OLAIA

Ai, meu estômago!

FABIANA (*ao mesmo tempo*)

Ai, meus queixos!

EDUARDO (*tocando sempre com entusiasmo*)

Sublime! Sublime! Bravo! Bravo!

FABIANA (*batendo o pé, raivosa*)

Irra!

EDUARDO (*deixando de tocar*)

Acabou-se. Agora pode falar.

FABIANA

Pois agora ouvirá, que estou cheia até aqui... Decididamente já não o posso nem quero aturar.

OLAIA

Minha mãe!

EDUARDO

Não?

FABIANA

Não e não, senhor. Há um ano que o senhor casou-se com minha filha e ainda está às minhas costas. A carga já pesa! Em vez de gastar as horas tocando rabeca, procure um emprego, alugue uma casa e, fora daqui com sua mulher! Já não posso com as intrigas e desavenças em que vivo, depois que moramos juntos. É um inferno! Procure casa, procure casa... Procure casa!

EDUARDO

Agora, deixe-me também falar... Recorda-se do que lhe dizia eu quando se tratou do meu casamento com sua filha?

OLAIA
Eduardo!...

EDUARDO
Não se recorda?

FABIANA
Não me recordo de nada... Procure casa. Procure casa!

EDUARDO
Sempre é bom que se recorde... Dizia eu que não podia casar-me por faltarem-me os meios de pôr casa e sustentar família. E o que respondeu-me a senhora a esta objeção?

FABIANA
Não sei.

EDUARDO
Pois eu lhe digo: respondeu-me que isso não fosse a dúvida, que em quanto à casa podíamos ficar aqui morando juntos, e que aonde comiam duas pessoas, bem podiam comer quatro. Enfim, aplinou todas as dificuldades... Mas então queria a senhora pilhar-me para marido de sua filha... Tudo se facilitou; tratava-me nas palmas das mãos. Agora que me pilhou feito marido, grita: Procure casa! Procure casa! Mas eu agora é que não estou para aturá-la; não saio daqui. (*Assenta-se com resolução numa cadeira e toca rabeca com raiva*)

FABIANA (*indo para ele*)
Desavergonhado! Malcriado!

OLAIA (*no meio deles*)
Minha mãe!

FABIANA
Deixa-me arrancar os olhos a este traste!

OLAIA

Tenha prudência! Eduardo, vai-te embora.

EDUARDO levanta-se enfurecido, bate o pé e grita – Irra! (*Fabiana e Olaia recuam, espavoridas. Indo para Fabiana*) Bruxa! Vampiro! Sanguessuga da minha paciência! Ora, quem diabo havia dizer-me que esta velha se tornaria assim!

FABIANA

Velha, maroto, velha?

EDUARDO

Antes de pilhar-me para marido da filha, eram tudo mimos e carinhos. (*Arremedando*) Sr. Eduardinho, o senhor é muito bom... Há de ser um excelente marido... Feliz daquela que o gozar... ditosa mãe que o tiver por genro... Agora escoiceia-me, e descompõe... Ah, mães, mães, espertalhonas! Que lamúrias para empurrarem as filhas! Estas mães são mesmo umas ratoeiras... Ah, se eu te conhecesse!...

FABIANA

Se eu também te conhecesse, havia de dar-te um...

EDUARDO

Quer dançar a polca?

FABIANA (*desesperada*)

Olhe que me perco...

OLAIA

Minha mãe...

EDUARDO (*vai saindo, cantando e dançando a polca*)

Trá lá lá lá, ri lá rá tá... (*Etc., etc.*)

FABIANA (*querendo ir a ele e retida por Olaia*)

Espera, maluco de uma figa...

OLAIA

Minha mãe, tranquilize-se, não faça caso.

FABIANA

Que te hei de fazer dançar o trêmolo e a polca com os olhos fora da cara!

EDUARDO (*chegando à porta*)

Olaia, vem voltar a música...

FABIANA (*retendo-a*)

Não quero que vá lá...

EDUARDO (*gritando*)

Vem voltar a música...

FABIANA

Não vai!

EDUARDO (*gritando e acompanhando com a rabeca*)

Vem voltar a música!

FABIANA (*empurrando-a*)

Vai-te com o diabo!

EDUARDO

Vem comigo. (*Vai-se com Olaia*)

CENA IV

Fabiana, só.

FABIANA

Oh, é preciso tomar uma resolução... Escreva-se. (*Senta-se, escreve ditando*) "Ilmo. Sr. Anselmo Gomes. Seu filho e sua filha são duas pessoas muito malcriadas. Se o senhor hoje mesmo não procura casa para que eles se mudem da minha, leva tudo a breca. Sua criada,

Fabiana da Costa.” *(Falando)* Quero ver o que ele responde-me a isto. *(Fecha a carta e chama)* João? Também este espertalhão do Sr. Anselmo, o que quis foi empurrar a filha e o filho de casa; e os mais que carreguem... Estou cansada; já não posso. Agora aguenta ele. *(Chamando)* João?

PAJEM *(entrando)*
Minha senhora...

FABIANA
Vai levar esta carta ao Sr. Anselmo. Sabes? E o pai do Sr. Eduardo.

PAJEM
Sei, minha senhora.

FABIANA
Pois vai depressa. *(Pajem vai-se)* Estou resolvida a desbaratar...

CENA V

Entra Nicolau de hábito de irmão terceiro, seguido de um homem com uma trouxa em baixo do braço.

NICOLAU *(para o homem)*
Entre, entre... *(Seguindo para a porta da direita)*

FABIANA *(retendo-o)*
Espere, tenho que lhe falar.

NICOLAU
Guarda isso para logo; agora tenho muita pressa. O senhor é o armador que vem vestir os nossos dois pequenos para a procissão de hoje.

FABIANA
Isso tem tempo.

NICOLAU

Qual tempo! Eu já volto.

FABIANA (*raivosa*)

Hás de ouvir-me!

NICOLAU

O caso não vai de zangar... Ouvir-te-ei, já que gritas. Sr. Bernardo, tenha a bondade de esperar um momento. Vamos lá, o que queres? E em duas palavras, se for possível.

FABIANA

Em duas palavras? Aí vai: já não posso aturar meu genro e minha nora!

NICOLAU

Ora mulher, isso é cantiga velha.

FABIANA

Cantiga velha? Pois olhe: se não procura casa para eles nestes dois dias, ponho-os pela porta fora.

NICOLAU

Pois eu tenho lá tempo de procurar casa?

FABIANA

Oh, também o senhor não tem tempo para coisa alguma... Todos os seus negócios vão por água abaixo. Há quinze dias perdemos uma demanda por seu desleixo; sua casa é uma casa de Orates, filhos para uma banda, mulher para outra, tudo a brigar, tudo em confusão... e tudo em um inferno! E o que faz o senhor no meio de toda essa desordem? Só cuida na carolice...

NICOLAU

Faço muito bem, porque sirvo a Deus.

FABIANA

Meu caro, a carolice, como tu a praticas, é um excesso de devoção, assim como a hipocrisia o é da religião. E todo o excesso é um vício...

NICOLAU

Mulher, não blasfemes!

FABIANA

Julgas tu que nos atos exteriores é que está a religião? E que um homem, só por andar de hábito há de ser remido de seus pecados?

NICOLAU

Cala-te...

FABIANA

E que Deus agradece ao homem que não cura dos interesses da família e da educação de seus filhos, só para andar de tocha na mão?

NICOLAU

Nem mais uma palavra! Nem mais uma palavra!

FABIANA

É nossa obrigação, é nosso mais sagrado dever servir a Deus e contribuirmos para a pompa de seus mistérios, mas também é nosso dever, é nossa obrigação sermos bons pais de família, bons maridos, doutrinar os filhos no verdadeiro temor de Deus... É isto que tu fazes? Que cuidado tens da paz de tua família? Nenhum. Que educação dás a teus filhos? Leva-os à procissão feito anjinhos e contentas-te com isso. Sabem eles o que é uma procissão e que papel vão representar? Vão como crianças; o que querem é o cartucho de amêndoas...

NICOLAU

Oh, estás com o diabo na língua! Arreda!

FABIANA

O sentimento religioso está na alma, e esse transpira nas menores ações da vida. Eu, com este meu vestido, posso ser mais religiosa do que tu com este hábito.

NICOLAU (*querendo tapar-lhe a boca*)
Cala-te, blasfema!... (*Seguindo-a*)

FABIANA
O hábito não faz o monge. (*Fugindo dele*) Ele é, muitas vezes, capa de espertalhões que querem iludir ao público; de hipócritas que se servem da religião como de um meio; de mandriões que querem fugir a uma ocupação e de velhacos que comem das irmandades...

NICOLAU
Cala-te, que aí vem um raio sobre nós! Ousas dizer que somos velhacos?

FABIANA
Não falo de ti nem de todos; falo de alguns.

NICOLAU
Não quero mais ouvir-te, não quero! Venha, senhor. (*Vai-se com o homem*)

FABIANA (*seguindo-o*)
Agora tomei-te eu à minha conta; há de ouvir-me até que te emendes!

CENA VI

Entra Sabino, e a dita que está em cena. (Sabino é extremamente gago, o que o obriga a fazer contorções quando fala)

SABINO (*entrando*)
O que é isto, minha mãe?

FABIANA

Vem tu também cá, que temos que falar.

SABINO

O que aconteceu?

FABIANA

O que aconteceu? Não é novo para ti... Desaforos dela...

SABINO

De Paulina?

FABIANA

Sim. Agora o que acontecerá é que eu te quero dizer. Tua bela mulher é uma desavergonhada!

SABINO

Sim, senhora, é; mas minha mãe, às vezes, é que bole com ela.

FABIANA

Ora, eis aí está! Ainda a defende contra mim!

SABINO

Não defendo; digo o que é.

FABIANA (*arremedando*)

O que é... Gago de uma figa!

SABINO (*furioso*)

Ga... ga... ga... ga... (*Fica sufocado, sem poder falar*)

FABIANA

Ai, que arrebenta! Canta, canta, rapaz; fala cantando, que só assim te sairão as palavras.

SABINO (*cantando no tom de moquirão*)

Se eu sou gago... se eu sou gago... foi foi Deus que assim me fez... eu não tenho culpa disso... para assim me descompor...

FABIANA

Quem te descompõe? Estou falando de tua mulher, que traz esta casa em uma desordem...

SABINO (*no mesmo*)

Todos, todos, nesta casa... têm culpa, têm culpa nisso... Minha mãe quer só mandar... e Paulina tem mau gênio... Se Paulina, se Paulina... fosse fosse mais poupada... tantas brigas não haviam... viveriam mais tranquilas...

FABIANA

Mas ela é uma desavergonhada, que vem muito de propósito contrariar-me no governo da casa.

SABINO (*no mesmo*)

Que ela, que ela é desaver... desavergonhada... eu bem sei, sei muito bem... e cá sinto, e cá sinto... mas em aten... em aten... em atenção a mim... minha mãe... minha mãe devia ceder...

FABIANA

Ceder, eu? Quando ela não tem a menor atenção comigo? Hoje nem bons dias me deu.

SABINO (*gago somente*)

Vou fazer com que ela venha... com que ela venha pedir perdão... e dizer-lhe que isto assim... que isto assim não me convém., e se ela, se ela persistir... vai tudo raso... com com pancadaria...

FABIANA

Ainda bem que tomaste uma resolução.

CENA VII

Nicolau e os ditos.

NICOLAU

Ó senhora?

FABIANA

O que me quer?

NICOLAU

Oh, já chegaste, Sabino? As flores de cera para os tocheiros?

SABINO (*gago*)

Ficaram prontas e já foram para a igreja.

NICOLAU

Muito bem; agora vai vestir o hábito, que são horas de sairmos. Vai, anda.

SABINO

Sim, senhor. (*A Fabiana*) Vou ordenar que lhe venha pedir perdão e fazer as pazes. (*Vai-se*)

CENA VIII

Nicolau e Fabiana.

NICOLAU

Os teus brincos de brilhantes e os teus adereços, para nossos filhos levarem? Quero que sejam os anjinhos mais ricos... Que glória para mim! Que inveja terão!

FABIANA

Homem, estão lá na gaveta. Tire tudo quanto quiser, mas deixe-me a paciência...

NICOLAU

Verás que anjinhos asseados e ricos! (*Chamando*) Ó Eduardo? Eduardo? Meu genro?

EDUARDO (*dentro*)

Que é lá?

NICOLAU

Olha que são horas. Veste-te depressa, que a procissão não tarda a sair.

EDUARDO (*dentro*)

Sim, senhor.

FABIANA

Ainda a mania deste é inocente... Assim tratasse ele da família.

NICOLAU

Verás, mulher, verás que guapos ficam nossos filhinhos... Tu não os irás ver passar?

FABIANA

Sai de casa quem a tem em paz. (*Ouve-se dobrar os sinos*)

NICOLAU

É o primeiro sinal! Sabino, anda depressa! Eduardo? Eduardo?

EDUARDO (*dentro*)

Sim, senhor.

SABINO (*dentro*)

Já vou, senhor.

NICOLAU

Já lá vai o primeiro sinal! Depressa, que já saiu... Sabino? Sabino? Anda, filho... (*Correndo para dentro*) Ah, Sr. Bernardo, vista os pequenos... Ande, ande! Jesus, chegarei tarde! (*Vai-se*)

CENA IX

Fabiana e depois Paulina.

FABIANA

É o que se vê... Deus lhe dê um zelo mais esclarecido...

PAULINA (*entrando e à parte*)

Bem me custa...

FABIANA (*vendo-a e à parte*)

Oh, a desavergonhada de minha nora!

PAULINA (*à parte*)

Em vez de conciliar-me, tenho vontade de dar-lhe uma descompostura.

FABIANA (*à parte*)

Olhem aquilo! Não sei por que não a descomponho já!

PAULINA (*à parte*)

Mas é preciso fazer a vontade a meu marido...

FABIANA (*à parte*)

Se não fosse por amor da paz... (*Alto*) Tem alguma coisa que dizer-me?

PAULINA (*à parte*)

Maldita suçurana! (*Alto*) Sim senhora, e a rogos de meu marido é que aqui estou.

FABIANA

Ah, foram a rogos seus? O que lhe rogou ele?

PAULINA

Que era tempo de se acabarem essas desavenças em que andamos...

FABIANA

Mais que tempo...

PAULINA

E eu dei-lhe a minha palavra que faria todo o possível para de hoje em diante vivermos em paz... e que principiaria por pedir-lhe perdão, como faço, dos agravos que de mim tem...

FABIANA

Quisera Deus que assim tivesse sido desde princípio! E acredite, menina, que prezo muito a paz doméstica, e que minha maior satisfação é viver bem com vocês todos.

PAULINA

De hoje em diante espero que assim será. Não levantarei a voz nesta casa sem vosso consentimento. Não darei uma ordem sem vossa permissão... Enfim, serei uma filha obediente e submissa.

FABIANA

Só assim poderemos viver juntos. Dá cá um abraço. (*Abraça-a*) És uma boa rapariga... Tens um bocadinho de gênio; mas quem não o tem?

PAULINA

Hei de moderá-lo...

FABIANA

Olha, minha filha, e não tornes a culpa a mim. É impossível haver em uma casa mais de uma senhora. Havendo, é tudo uma confusão...

PAULINA

Tem razão. E quando acontece haver duas, toca à mais velha o governar.

FABIANA

Assim é.

PAULINA

A mais velha tem sempre mais experiência...

FABIANA
Que dúvida!

PAULINA
A mais velha sabe o que convém...

FABIANA
Decerto.

PAULINA
A mais velha conhece melhor as necessidades...

FABIANA (*à parte*)
A mais velha!...

PAULINA (*com intenção*)
A mais velha deve ter mais juízo...

FABIANA
A mais velha, a mais velha... Que modo de falar é esse?

PAULINA (*o mesmo*)
Digo que a mais velha...

FABIANA (*desbaratando*)
Desavergonhada! A mim, velha!...

PAULINA (*com escárnio*)
Pois então?

FABIANA (*desesperada*)
Salta daqui! Salta!

PAULINA
Não quero, não recebo ordens de ninguém.

FABIANA

Ai, ai, que estalo! Assim insultar-me, este belisco!

PAULINA
Esta coruja!

FABIANA (*no maior desespero*)
Sai, sai do pé de mim, que minhas mãos já comem!

PAULINA
Não faço caso...

FABIANA
Atrevida, malcriada! Desarranjada! Peste! Mirrada! Estupor!
Linguaruda! Insolente! Desavergonhada!

PAULINA (*ao mesmo tempo*)
Velha, tartaruga, coruja, arca de Noé! Antigualha! Múmia!
Centopéia! Pergaminho! Velhusca, velha, velha!

(Fabiana e Paulina acabam gritando ao mesmo tempo, chegando-se uma para a outra; finalmente agarram-se. Nisto acode Sabino, em mangas de camisa, e com o hábito na mão)

CENA X

As ditas, Sabino, Olaia e Eduardo. Sabino entra, Eduardo e Olaia o seguem.

SABINO (*vendo-as pegadas*)
Que diabo é isto? (*Puxa pela mulher*)

OLAIA (*ao mesmo tempo*)
Minha mãe! (*Puxando-a*)

FABIANA (*ao mesmo tempo*)
Deixa-me! Desavergonhada!

PAULINA (*ao mesmo tempo*)

Larga-me! Velha! Velha!

(Sabino, não podendo tirar a mulher, lança-lhe o hábito pela cabeça e a vai puxando à força até a porta do quarto; e depois de a empurrar para dentro, fecha a porta a chave. Fabiana quer seguir Paulina)

OLAIA (*retendo a mãe*)

Minha mãe! Minha mãe!

EDUARDO (*puxando Olaia pelo braço*)

Deixa-as lá brigar. Vem dar-me o hábito.

OLAIA

Minha mãe!

EDUARDO

Vem dar-me o hábito!

(Arranca Olaia com violência de junto de Fabiana e a vai levando para dentro, e sai)

FABIANA (*vendo Sabino fechar Paulina e sair*)

É um inferno! É um inferno!

SABINO (*seguindo-a*)

Minha mãe!

(Fabiana segue para dentro)

NICOLAU (*entrando*)

O que é isto?

FABIANA (*sem atender, seguindo*)

É um inferno! É um inferno!

NICOLAU (*seguindo-a*)

Senhora! (*Vão-se*)

CENA XI

Sabino e depois Paulina.

SABINO

Isto assim não pode ser! Não me serve; já não posso com minha mulher!

PAULINA (*entrando pela segunda porta, esquerda*)

Onde está esta velha? (*Sabino, vendo a mulher, corre para o quarto e fecha a porta. Paulina*) Ah, corres? (*Segue-o e esbarra-se na porta que ele fecha*) Deixa estar, que temos também que conversar... Pensam que hão de me levar assim? Enganam-se. Por bons modos, tudo... Mas à força... Ah, será bonito quem o conseguir!

OLAIA (*entra chorando*)

Vou contar a minha mãe!

PAULINA

Psiu! Venha cá; também temos contas que justar. (*Olaia vai seguindo para a segunda porta da direita. Paulina*) Fale quando se lhe fala, não seja malcriada!

OLAIA (*na porta, voltando-se*)

Malcriada será ela... (*Vai-se*)

PAULINA

Hein?

CENA XII

Eduardo, de hábito, trazendo a rabeca, e a dita.

EDUARDO

Paulina, que é de Olaia?

PAULINA

Lá vai para dentro choramingando, contar não sei o que à mãe.

EDUARDO

Paulina, minha irmã, este modo de viver que levamos já não me agrada.

PAULINA

Nem a mim.

EDUARDO

Nossa sogra é uma velha de todos os mil diabos. Leva desde pela manhã até à noite a gritar... O que me admira é que ainda não estourasse pelas goelas... Nosso sogro é um pacóvio, um banana, que não cuida senão em acompanhar procissões. Não lhe tirem a tocha da mão, que está satisfeitíssimo... Teu marido é um ga... ga... ga... ga... que quando fala faz-me arrelia, sangue pisado. E o diabo que o ature, agora que deu-lhe em falar cantando... Minha mulher tem aqueles olhos que parecem fonte perene... Por dá cá aquela palha, aí vêm as lágrimas aos punhos. E logo atrás: Vou contar à minha mãe... E no meio de toda esta matinada não tenho tempo de estudar um só instante que seja, tranquilamente, a minha rabeca. E tu também fazes sofrivelmente teu pé de cantiga na algazarra desta casa.

PAULINA

E tu, não? Pois olha esta tua infernal rabeca!

EDUARDO

Infernal rabeca! Paulina, não fales mal da minha rabeca; senão perco-te o amor de irmão. Infernal! Sabes tu o que dizes? O rei dos instrumentos, infernal!

PAULINA (*rindo*)

A rabeca deve ser rainha...

EDUARDO

Rei e rainha, tudo. Ah, desde a noite em que pela primeira vez ouvi no Teatro de S. Pedro de Alcântara os seus harmoniosos, fantásticos, salpicados e repinicados sons, senti-me outro. Conheci que tinha vindo ao mundo para artista rabequista. Comprei uma rabeça – esta que aqui vê. Disse-me o belchior que a vendeu, que foi de Paganini. Estudei, estudei... Estudo, estudo...

PAULINA

E nós o pagamos.

EDUARDO

Oh, mas tenho feito progressos estupendíssimos! Já toco o Trêmolo de Bériot... Estou agora compondo um tremulório e tenho ainda em vista compor um tremendíssimo trêmolo.

PAULINA

O que aí vai!...

EDUARDO

Verás, hei de ser insigne! Viajarei por toda a Europa, África e Ásia; tocarei diante de todos os soberanos e figurões da época, e quando de lá voltar trarei este peito coberto de grã-cruzes, comendas, hábitos, etc., etc. Oh, por lá é que se recompensa o verdadeiro mérito... Aqui, julgam que fazem tudo pagando com dinheiro. Dinheiro! Quem faz caso de dinheiro?

PAULINA

Todos. E para ganhá-lo é que os artistas cá vêm.

EDUARDO

Paulina, o artista quando vem ao Brasil, digo, quando se digna vir ao Brasil, é por compaixão que tem do estado de embrutecimento em que vivemos, e não por um cálculo vil e interesseiro. Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem; são princípios da arte...

PAULINA

E depois das algibeiras cheias, safa-se para as suas terras, e comendo o dinheiro que ganhara no Brasil, fala mal dele e de seus filhos.

EDUARDO

Também isso são princípios de arte...

PAULINA

Qual arte?

EDUARDO

A do padre Antônio Vieira... Sabes quem foi esse?

PAULINA

Não.

EDUARDO

Foi um grande mestre de rabeça... Mas aí, que estou a parolar contigo, deixando a trovoada engrossar. Minha mulher está lá dentro com a mãe, e os mexericos fervem... Não tarda muito que as veja em cima de mim. Só tu podes desviar a tempestade e dar-me tempo para acabar de compor o meu tremulório.

PAULINA

E como?

EDUARDO

Vai lá dentro e vê se persuade a minha mulher que não se queixe à mãe.

PAULINA

Minha cunhada não me ouve, e...

EDUARDO (*empurrando-a*)

Ouvir-te-á, ouvir-te-á, ouvir-te-á. Anda, minha irmãzinha, faze-me este favor.

PAULINA

Vou fazer um sacrifício, e não...

EDUARDO (*o mesmo*)

E eu te agradecerei. Vai, vai...

CENA XIII

EDUARDO (*só*)

Muito bem! Agora que o meu parlamentaríio vai assinar o tratado de paz, assentemo-nos e estudemos um pouco. (*Assenta-se*) O homem de verdadeiro talento não deve ser imitador; a imitação mata a originalidade e nessa é que está a transcendência e especialidade do indivíduo. Bériot, Paganini, Bassini e Charlatinini muito inventaram, foram homens especiais e únicos na sua individualidade. Eu também quis inventar, quis ser único, quis ser apontado a dedo... Uns tocam com o arco... (*Nota: Deve fazer os movimentos, segundo os vai mencionando*) Isto veio dos primeiros inventores; outros tocam com as costas do arco... ou com uma varinha... Este imita o canto dos passarinhos... zurra como burro... e repinica cordas... Aquele toca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar um bacalhau... Estoutro arrebenta três cordas e toca só com uma, e creio mesmo que será capaz de arrebentar as quatro e tocar em seco... Inimitável instrumentinho, por quantas modificações e glórias não tens passado? Tudo se tem feito de ti, tudo. Tudo? (*Levantando-se entusiasmado*) Tudo não; a arte não tem limites para o homem de talento criador... Ou eu havia de inventar um meio novo, novíssimo de tocar rabeca, ou havia de morrer... Que dias passei sem comer e beber; que noites sem dormir! Depois de muito pensar e cismar, lembrei-me de tocar nas costas da rabeca... Tempo perdido, não se ouvia nada. Quase enlouqueci. Pus-me de novo a pensar... Pensei... cismeimei... parafusei... parafusei... pensei... pensei... Dias, semanas e meses... Mas enfim, ah, idéia luminosa penetrou este cansado cérebro e então reputei-me inventor original, como o mais pintado! Que digo? Mais do que qualquer deles... Até agora esses aprendizes de rabeca desde Saëns até Paganini, coitados, têm

inventado somente modificações do modo primitivo: arco para aqui ou para ali... Eu, não, inventei um modo novo, estupendo e desusado: eles tocam rabeca com o arco, e eu toco a rabeca no arco – eis a minha descoberta! (*Toma o arco na mão esquerda, pondo-o na posição da rabeca; pega nesta com a direita e a corre sobre o arco*) É esta a invenção que há de cobrir-me de glória e nomeada e levar meu nome à imortalidade... Ditoso Eduardo! Grande homem! Insigne artista!

CENA XIV

Fabiana e Eduardo.

FABIANA (*falando para dentro*)

Verás como o ensino! (*Vendo Eduardo*) Oh, muito estimo encontrá-lo.

EDUARDO

Ai, que não me deixam estudar?

FABIANA

Pois você, sô mandrião, rabequista das dúzias, tem o atrevimento de insultar e espancar ...

EDUARDO

Então acha a senhora que uma arcada nos dedos é espancar?

FABIANA

E por que deu-lhe o senhor com o arco nos dedos?

EDUARDO

Porque não voltou a música a tempo, fazendo-me assim perder dois compassos... Dois compassos de Bériot!

FABIANA

Pois se os perdeu, anunciasses pelos jornais e promettesse alvissaras, que eu havia dá-las, mas havia de ser a quem te achasse o juízo, cabeça de avelã! Ora, que estafermo este! Não me dirão para que

serve semelhante figura? Ah, se eu fosse homem havia de tocar com esse arco, mas havia ser no espinhaço; e essa rabeca havia de a fazer em estilhas nessa cabeça desmiolada... Não arregale os olhos, que não me mete medo.

EDUARDO (*enquanto Fabiana fala, vai-se chegando para junto dela e lhe diz na cara, com força*)

Velha! (*Volta, quer entrar no seu quarto*)

FABIANA

Mariola! (*Segura-lhe no hábito. Eduardo dá com o arco nos dedos de Fabiana. Vai-se. Fabiana, largando o hábito*) Ai, que me quebrou os dedos!

CENA XV

Entra Olaia e após ela Paulina.

OLAIA

Falta de educação será ela! (*Encaminhando-se para o quarto*)

PAULINA

Cala-me o bico!

OLAIA

Bico terá ela, malcriada!

FABIANA

O que é isto?

(*Olaia entra no quarto sem dar atenção*)

PAULINA

Deixa estar, minha santinha de pau oco, que te hei de dar educação, já que tua mãe não te deu... (*Entra no seu quarto*)

FABIANA

Psiu, como é isso?... (*Vendo Paulina entrar no quarto*) Ah! (*Chama*)
Sabino! Sabino! Sabino!

CENA XVI

Sabino, de hábito e Fabiana.

SABINO (*entrando*)
O que temos, minha mãe?

FABIANA
Tu és homem?

SABINO
Sim, senhora, e prezo-me disso.

FABIANA
Que farias tu a quem insultasse tua mãe e espancasse uma irmã?

SABINO
Eu? Dava-lhe quatro canelões.

FABIANA
Só quatro?

SABINO
Darei mais, se for preciso.

FABIANA
Está bem, em tua mulher basta que só dês quatro.

SABINO
Em minha mulher? Eu não dou em mulheres...

FABIANA
Pois então vai dar em teu cunhado, que espancou a tua mãe e a tua irmã.

SABINO

Espancou-as?

FABIANA

Vê como tenho os dedos roxos, e ela também.

SABINO

Oh, há muito tempo que tenho vontade de lhe ir ao pelo, cá por muitas razões... Chegou o dia...

FABIANA

Assim, meu filhinho da minha alma; dá-lhe uma boa sova! Ensina-lhe a ser bem-criado.

SABINO

Deixe-o comigo.

FABIANA

Quebra-lhe a rabeca nos queixos.

SABINO

Verá.

FABIANA

Anda, chama-o cá para esta sala, lá dentro o quarto é pequeno e quebraria os trastes, que não são dele... Rijo, que eu vou para dentro atiçar também teu pai... (*Encaminha-se para o fundo, apressada*)

SABINO (*principia a despir o hábito*)

Eu o ensinarei...

FABIANA (*da porta*)

Não te esqueças de lhe quebrar a rabeca nos queixos...

CENA XVII

SABINO (*só, continuando a tirar o hábito*)

Já é tempo; não posso aturar este meu cunhado! Dá conselhos à minha mulher; ri-se quando eu falo; maltrata minha mãe... Pagará tudo por junto... (*Arregaçando as mangas da camisa*) Tratante! (*Chega à porta do quarto de Eduardo*) Senhor meu cunhado?

EDUARDO (*dentro*)

Que é lá?

SABINO

Faça o favor de vir cá fora.

CENA XVIII

Eduardo e Sabino.

EDUARDO (*da porta*)

O que temos?

SABINO

Temos que conversar.

EDUARDO (*gaguejando*)

Não sabe quanto estimo.....

SABINO (*muito gago e zangado*)

O senhor arremeda-me!

EDUARDO (*no mesmo*)

Não sou capaz...

SABINO (*tão raivoso, que sufoca-se*)

Eu... eu... eu... eu...

EDUARDO (*falando direito*)

Não se engasgue, dê cá o carço...

SABINO (*fica tão sufocado, que para exprimir-se rompe a fala no tom da polca*)

Eu já... eu já não posso... por mais tempo me conter... hoje mesmo... hoje mesmo... leva tudo o diabo...

EDUARDO (*desata a rir*)

Ah, ah, ah!

SABINO

Pode rir-se, pode rir-se... sô patife, hei de ensiná-lo...

EDUARDO (*cantando como Sabino*)

Há de ensinar-me... mas há de ser... mas há de ser... mas há de ser a polca... (*Dança*)

SABINO

Maroto!

(*Lança-se sobre Eduardo e atacam-se, gritando ambos: Maroto! Patife! Diabo! Gago! Eu te ensinarei! – Etc., etc.*)

CENA XIX

Olaia e Paulina.

PAULINA (*entrando*)

Que bulha é essa? Ah!

OLAIA (*entrando*)

O que é... Ah! (*Paulina e Olaia vão apartar os dois que brigam. Olaia...*)

Eduardo! Eduardo! Meu irmão! Sabino! (*Etc.*)

PAULINA

Sabino! Sabino! Meu irmão! Eduardo! (*Eduardo e Sabino continuam a brigar e descomporem-se. Paulina, para Olaia*) Tu é que tens a culpa!

OLAIA (*para Paulina*)
Tu é que tens!

PAULINA (*o mesmo*)
Cala esse bico!

OLAIA (*o mesmo*)
Não seja tola!

PAULINA (*o mesmo*)
Mirrada!

OLAIA (*o mesmo*)
Tísica!

(Paulina e Olaia atiram-se uma à outra e brigam à direita. Eduardo e Sabino, sempre brigando à esquerda)

CENA XX

Fabiana e os ditos.

FABIANA

Que bulha é esta? Ah! (*Corre para as moças*) Então, o que é isto?
Meninas! Meninas! (*Procura apartá-las*)

CENA XXI

Entra Nicolau apressado, trazendo pela mão dois meninos vestidos de anjinhos.

NICOLAU

O que é isto? Ah, a brigarem! (*Larga os meninos e vai para os dois*)
Sabino! Eduardo! Então?... Então, rapazes?...

FABIANA (*indo a Nicolau*)

Isto são obras tuas! (*Puxando pelo hábito*) Volta-te para cá; tu é que tens culpa...

NICOLAU

Deixa-me! Sabino!

FABIANA

Volta-te para cá... (*Nicolau dá com o pé para trás, alcança-a. Fabiana...*)

Burro!... (*Agarra-lhe nas goelas, o que o obriga a voltar-se e atracarem-se*)

OS DOIS ANJINHOS

Mamãe! Mamãe!

(*Agarram-se ambos a Fabiana; um deles empurra o outro, que deve cair; levanta-se e atraca-se com o que o empurra, e deste modo Fabiana, Nicolau, Sabino, Eduardo, Olaia, Paulina, 1º, 2º anjinhos, todos brigam e fazem grande algazarra*)

CENA XXII

Anselmo e os ditos, brigando.

ANSELMO

O que é isto? O que é isto?

(*Todos, vendo Anselmo apartam-se*)

FABIANA

Oh, é o senhor? Muito estimo...

PAULINA e EDUARDO

Meu pai!

ANSELMO

Todos a brigarem!...

(Todos se dirigem a Anselmo, querendo tomar a dianteira para falarem; cada um puxa para seu lado a reclamarem serem atendidos; falam todos ao mesmo tempo. Grande confusão, etc.)

FABIANA *(ao mesmo tempo)*

Muito estimo que viesse, devia ver com seus próprios olhos... o desaforo de seus filhos... Fazem desta casa um inferno! Eu já não posso; leve-os, leve-os, são dois demônios. Já não posso!

NICOLAU *(ao mesmo tempo)*

Sabe que mais? Carregue seus filhos daqui para fora; não me deixam servir a Deus... Isto é uma casa de Orates... Carregue-os, carregue-os, senão fazem-me perder a alma... Nem mais um instante...

SABINO *(falando ao mesmo tempo no tom do miudinho)*

Se continuo a viver assim junto, faço uma morte. Ou o senhor, que é meu sogro, ou meu pai, dêem-me dinheiro... dinheiro ou casa, ou leva tudo o diabo... o diabo...

PAULINA *(ao mesmo tempo)*

Meu pai, já não posso; tire-me deste inferno, senão, morro! Isto não é viver... Minha sogra, meu marido, minha cunhada maltratam-me... Meu pai, leve-me, leve-me daqui...

EDUARDO

Meu pai, não fico aqui nem mais um momento. Não me deixam estudar a minha rabeca... É uma bulha infernal, uma rixa desde pela manhã até a noite; nem um instante eu tenho para tocar...

OLAIA

Senhor, se isto assim continua, fujo de casa... Abandono marido, tudo, tudo... Antes quero viver só do meu trabalho, do que assim. Não posso, não posso, não quero... Nem mais um instante... É um tormento...

(Os dois Anjinhos, enquanto estas falas se recitam, devem chorar muito)

ANSELMO

Com mil diabos, assim não entendo nada!

FABIANA

Digo-lhe que...

NICOLAU

Perderei a alma...

SABINO

Se eu não...

EDUARDO

Nada estudo...

PAULINA

Meu pai, se...

OLAIA

Nesta casa...

(Todos gritam ao mesmo tempo)

ANSELMO *(batendo o pé)*

Irra, deixem-me falar!

FABIANA

Pois fale...

ANSELMO

Senhora, recebi a vossa carta e sei qual a causa das contendas e brigas em que todos viveis. Andamos muito mal, a experiência o tem mostrado, em casarmos nossos filhos e não lhe darmos casa para morarem. Mas ainda estamos em tempo de remediar o mal... Meu filho, aqui está a chave de uma casa que para ti aluguei. *(Dá-lhe)*

EDUARDO

Obrigado. Só assim poderei estudar tranquilo e compor o tremendíssimo...

ANSELMO

Filha, dá esta outra chave a teu marido. É a da tua nova casa...

PAULINA (*tomando-a*)

Mil graças, meu pai. (*Dá a chave a Sabino*)

FABIANA

Agora, sim...

ANSELMO

Estou certo que em bem pouco tempo verei reinar entre vós todos a maior harmonia e que visitando-vos mutuamente e...

TODOS (*uns para os outros*)

A minha casa está às vossas ordens. Quando quiser...

ANSELMO

Muito bem. (*Ao público*) E vós, senhores, que presenciastes estas desavenças domésticas, recordai-vos sempre que...

TODOS

Quem casa, quer casa.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com